

COMERCIO DA PÓVOA DE VARZIM

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
OFICINAS DO COMERCIO — Tel. 62381

JORNAL REPUBLICANO E DEFEN-
SOR DOS INTERESSES LOCAIS

Director, Editor e Proprietario
Manuel Agonia Frasco

“São as fogueiras...” PARQUE DE CAMPISMO

Hoje, toda essa animação das festas passa ao longe. Nem admira... Quantas coisas aconteceram desde que deixámos de tomar parte nelas! Depois disso, em cada ano que voltavam, havia dentro de nós uma ilusão a menos que já não nos atirava para a animação dos outros. A princípio, tinha-se pena, queríamos reagir, tentávamos contagiar-nos, e irmos ainda com eles. Mas que mal-estar nos invade, quando nos sentimos a destoar! São os outros que se encarregam de nos pôr de fora. Às vezes não é por maldade. Ao contrário, percebendo que nos mascaramos da alegria deles, têm assomos de compreensão generosa, e querem ajudar-nos. Mas essa boa vontade ainda nos dói mais, por nos fazer compreender que já só de muletas seremos capazes de ir atrás — muito atrás... — deles.

POR **MARIA CESARINY CALAFATE**

que os trazia no coração ao lado de nós, os filhos. Entrei nelas sim, dancei com os pescadores da minha rua, fartei-me de cantar com eles «O laranja, ó laranja, ribola, ribola bem!» E isso, quando já tinha passado a idade dos jogos infantis, em que eles eram uns camaradas ideais, por sempre nos aceitarem como chefes, se bem que nos subjugassem com a sua inata coragem de futuros lobos do mar. Era por isso que nos cativavam, por essa mistura de humildade sem servilismo e de audácia natural que lhes vinha da sua liberdade de pobres.

Eu não quero romantizar a pobreza. Até me assusta que se pense isso das minhas palavras. Logo me parece e voltarem-se para mim sobrolhos carregados de acusadora e justa indignação. Eu sei, eu sei que a pobreza é

Continua na página 4

Não sei se isto já foi dito ou escrito, nos estudos da vida do grande romancista, a propósito da sua índole, do seu carácter, da sua origem, do seu génio manancial, educação, ou vocação inata.

Mas creio ser uma das facetas mais brilhantes deste poliédrico

Muito se tem falado e escrito sobre um futuro Parque de Campismo de que a nossa Praia tanto necessita para poder servir os seus frequentadores e os turistas estrangeiros que nos visitam. As praias progressivas incluem esses Parques no capítulo das suas realizações mais prementes.

Ouvimos dizer, em tempos, que se pensava num parque de camoismo a levantar-se no Rio Alto — extremo norte da Póvoa. Discordamos e dissemos o motivo. Superiores que ele devia ser instalado em terrenos que temos no alto de Barretos — Rua dos Bonitos de Amorim, e vieram-nos logo à estacada a mostrar a sua discordância pretextando que o lugar indicado era mesmo no Rio Alto.

Lemos há pouco que a Câmara de Espinho pensa localizar o seu Parque de Campismo — inscrito no seu Relatório — a nascente, localizado a 1500 metros do centro daquela vila.

Porque motivo havemos de levar um Parque de Campismo para tão longe, sabendo-se que os Parques devem estar o mais próximo possível da localidade onde se situam?

CAMILO

escritor, é contagiosa sentimentalidade vasada nos seus livros, a poderosa magnética que se desprende das suas novelas e romances.

E assim, enquanto outros livros e autores se pode entender a intenção, apreender o estilo, adivinhar o desfecho, saltar páginas, resumir o entrecho, tendo lido um terço ou metade da obra, a maioria das obras camilianas, o leitor fica preso ao ímpeto da corrente, ao fluir das imagens e dos conceitos, das falas e das ideias, sentindo-se desfalcado e frustrado, se não segue linha a linha, a traça, a trama e a urdidura das suas histórias e fábulas.

Pode dizer-se que tal escritor já não tem leitores, como corre por aí. Chega-se a ouvir que os seus livros são quase iguais e que, lido um, estão lidos todos. Não é assim, felizmente.

Não só os títulos das suas obras são diferentes, se bem que isso já revele um assunto, uma figura central, um cenário, um episódio, uma viagem, uma boémia, um cárcere, um esqueleto, uma filosofia, um quadro social, uma política, uma fé, um desespero, ou a poesia, o amor, a ética, o sacrifício, a dedicação, a humildade, a emulação, o orgulho e a força.

Borbulhando de vida e de morte, de confusão, de sentimentos e de ansias de redenção, nos livros de Camilo Castelo Branco, agita-se toda uma época perene de forças telúricas, inconscientes e bárbaras

Continua na página 4

A nossa Praia de Banhos

Em anos passados, mal se iniciava a época balnear, logo a praia de banhos era percorrida diariamente por marinheiros escalados para uma melhor fiscalização da limpeza e que auxiliavam, assim, os cabos de mar na sua tarefa.

Não vemos que tal aconteça no ano presente, sabendo-se que a época balnear teve o seu início em 1.º de Junho e que durante este mês as barracas de sombra montadas na praia eram em grande quantidade.

Quem percorresse no domingo o vasto areal, teria encontrado, com

As Festas de S. Pedro

decorreram com a maior animação

e os números do programa trouxeram à Póvoa elevado número de foresteiros que lhe deram mais vida e movimento

Foram já desmantelados os troncos a S. Pedro, nos três bairros, e arreadas as ornamentações e decorações. A Póvoa deu por findas as festas do Santo Pescador, por quem os nossos pescadores têm grande devoção. Já se não ouvem os acordes das músicas e dos alti-falantes, nem o titroteio dos foguetes e do entusiasmo que pairou nos quatro dias. E foram, de facto, quatro dias bem puxados de animação, mormente nos bairros onde houve despique, com o fim de mostrarem aquilo de que são capazes.

Temos de reconhecer que o trabalho foi insano, quer por parte dos membros da Comissão de Iniciativa e Propaganda que se

desdobraram para que o programa previamente estabelecido decorresse sem uma falha, quer por parte das comissões dos bairros que tudo fizeram para marcarem com dignidade, a sua presença. E conseguiram-no. São todos dignos da nossa admiração e do nosso reconhecimento.

As festas de S. Pedro decorreram em alegre ambiente e fizeram com que muita gente viesse de fora movimentar a vida do nosso comércio e indústria. A Póvoa ganhou muito com elas, com as festas de S. Pedro — as Festas do Concelho — que já ganharam fama, devendo continuar a fazer-se em anos futuros.

Continua na página 4



aqui...

se fez eco de «uma pontinha de olhos» muito necessária, por parte da Câmara, para o populoso bairro-sul, a descambar para a Lapa. Presentemente, cuida eu, não tem a Póvoa-scde outro sector que mais peça e exija a presença da Câmara, tantos são os problemas de ordem vária a carecer do carinho que se faz mister. Quando digo carinho, concluo que se entenda por resolução capaz para comodidade e alegria de quem se fixou naquela zona de velhos pergaminhos marítimos.

A revelação que tenho a jeito, por exemplo, diz-me, apesar da pouca luz que veio em favor da objectiva, que na rua dr. António Silveira, conquanto melhorada havia um passeio por acabar; a rua

da Fortaleza, servida por péssimo pavimento, e tolhida de lastros indesejáveis; a rua da Lapa, já com bons prédios, o que se chama muito má; a rua de «Trás-os-Quintais», calcetada em remedeio, mas com as linhas dos passeios a aguardar arranjo definitivo; a rua Pereira Azurra, necessitada de alargamento, até para acabar com uns «perfumes» que se adivinham; a rua da Assunção a pedir limpeza e calcetamento a condiz com o local; a rua da Galé, estreita e tortuosa; a rua Miguel Bombarda com um piso doentio; a rua...

Continua na página 4

5.ª coluna

Terça-feira, 11 horas da noite. Junto ao trono de S. Pedro, no bairro norte, a mocidade rodopiava e cantava lóas ao santo. Havia alegria e animação a rodos. Momentos depois surgem grupos de saltimbancos. O homem toca o tambor, a chamar a malta. Esta não se faz esperar e forma uma larga circunferência. De repente surgem crianças — uma teria pouco mais de dois anos, — a fazer cabriolas. Depois uma mulher — via-se que tinha filho no ventre — a fazer piruetas, com muito custo. O tambor continua a chamar gente. E aqueles desgraçados continuam também a deliciar os circunstantes com a sua arte. Há quem se comova e quem delire. O alti-falante com a sua bocarra bem aberta, atira para longe canções poveiras. Não tardou que fossem lançados para o ar, ali bem perto, os últimos foguetes das grandes festas de S. Pedro. E aquelas crianças de tenra idade (que não têm culpa de terem nascido intélizes) e aquela mulher que necessitava de descanso e de repouso, continuaram o «trabalho» com a mira de arreadarem uns tostões para matar a fome. Como é negra a vida para os pobres, para os sem eira nem beira. E há tanta gente a gostar loucamente, a banquetear-se a levar vida de nababos, quando há tantos a requererem e a necessitarem do seu auxílio e da sua presença. Mas... dizem que o mundo foi assim, e que assim há-de continuar a ser. Que tem de haver pobres e ricos. Perfeitamente de acordo. Mas está nas nossas mãos — nas mãos de todos os mortais — fazer com o que os ricos sejam menos ricos para que os pobres sejam também menos pobres. Era assim que Cristo pregava ao visitar os humildes. Sigámos-lhe o exemplo.

JOÃO DA VARZEA

Cuidemos com firmeza do futuro da nossa Terra

Um querido amigo nosso, recentemente chegado do Rio de Janeiro, quis mostrar a sua esposa e filha — senhoras brasileiras — o que o nosso País tem digno de ser visto e admirado. E assim percorreu Portugal de lés-a-lés, do Minho ao Algarve. Notou que as praias desta última provincia estão a desenvolver-se extraordinariamente, e a levantarem-se novos hotéis todos de grande porte.

Ao regressar à Póvoa contou-nos o muito que viu e que o deixou maravilhado e teve a seguir este desabafo. «A Póvoa — a nossa terra — tem absoluta necessidade de não se deixar adornar com a sombra dos louros conquistados. Tem de acompanhar o progresso e dedicar-se à construção de mais uma unidade hoteleira, pelo menos. Não ao Algarve e vejamos como aquilo está a crescer.»

E este o pensar de todos aqueles que entendem que a Póvoa não pode adornar-se, antes

necessita de cuidar com firmeza do seu presente e do seu futuro.

Já aqui dissemos que em redor de nós estão a crescer novas praias que poderão, amanhã, fazer-nos frente, se não forem encorajados com firmeza e com urgência os nossos principais problemas. E estes só poderão ser encorajados e resolvidos por uma forte união de todos.

encontro

Na tarde triste, a música parece que ainda entristece mais tudo o que existe...

E' que a música é, embora linda, até mais triste ainda — mais dolorida do que a tarde suicida que se lança, a sorrir, serenamente,

na fogueira que arde no Poente...

A música parou quando a tarde morreu.

Depois, no silêncio pesado que tombou, a noite entrou...

— E ficamos os dois: a noite e eu...

ALFREDO REGUENGO

UM REPARO

Muita gente lamentou com grande desgosto que a rua do dr. Caetano d'Oliveira se transformasse nos dias de festa num verdadeiro arraial de feira.

Aquilo era um estendal de variadíssimas coisas espalhadas no chão pelos dois lados da referida artéria, a que não faltaram de mistura regueiras e pães doces, entregues ao pé e a tudo quanto caía do ar. São coisas que se não admitem e a Câmara andou mal permitindo que a festa de um bairro se transformasse num arraial.

Revelações poveiras

Continuada da página 1

Não vale pôr mais na letra redonda.

Nestes doze meses que se passaram, tenho fé que algo se melhorou; de resto, a Câmara, no Agosto de 64, trazia ali em curso vários trabalhos de regularização de trânsito. A tarefa não se apresentava fácil, através duma rede de artérias que pelos tempos em fora obedeceram mais a delineamentos do acaso do que ao interesse colectivo.

Posto isto, o Município é e será chamado a endireitar veredas — já o faz sentir o Evangelho — e a par da pedra dura, pisada todos os dias, o dedo noutras feridas evidentes a solicitar o remédio que mais convém. Penso, a propósito, na higienização dos quintalórios, em direitura à Lapa-matriz; em vedações condizentes (acha-se baldio todo o terreno do bairro piscatório). Aquela terra de ninguém precisa de recato, de ser demarcada. Penso ainda numa série de prédios em ruínas, de telhados alagados, e nas entulheiras escancaradas, com manifesto perigo para as crianças do meio e até para os rapazes que de tais «ninhos de ratos» fazem toda do que não lembra ao diabo...

Em boa verdade, o bairro-sul aguarda de braços abertos o que se possa fazer pelo seu progresso e bem-estar.

na Junqueira, observei de há tempos, determinados trabalhos, num prédio de esmerada esquadria, ia a dizer de risco pleno de gosto artístico. Tal prédio destacava-se, pelo peso de granito lavrado, pela sua fachada algo imponente de três arcaturas a servir a entrada principal e janelas laterais.

Observei e tive pena. O camarateo abria rasgões de monta. O prédio estava a ser expurgado da sua feição primitiva... para ir receber umas arrobas de cimento. Não sei, confesso, o que lhe sucedeu. Em tempos louvei o restauro e aumento sofridos por um outro edifício do Largo Dr. David Alves. O seu proprietário teve o cuidado de poupar-lhe a estrutura geral; adoptou de maneira elegante todo o conjunto de frisos graníticos. Toda a construção saiu no final como a Venus lendária. Bela e valtosa adaptação!

Não posso dizer o mesmo do prédio que motivou estes rabiscos. Outro pensamento omnipotente «esqueceu» o que se poderia ter respaldado. E neste magiar, apesar com veemência para uma constituição da Comissão Municipal de Arqueologia que assumiu como «dever»... serviu dedicadamente o património artístico, e implicitamente de defender de transformações graves.

Fico enlevado naquele 1860 da Casa das Pedreiras. Trago na retina os tetos ornamentados da Casa do Brasileiro, erguida há cem anos junto ao santuário das Dores; tomo como curiosidade do Passado a Casa da «Estrela», na Praça da Almada, da benquista família Sampão.

Obras de modernização foram há pouco falthadas; a Póvoa precisa e festeja todo o ar lavado que se leve às suas moradias. Namoram meus olhos os panejamentos de azulejos, e as cenidárias legendas de 1861 e 1858 que identificam M. G. A. (Matias Gomes de Amorim).

Da outra banda, no banho de azulejo verde-salsa, outra abreviatura igualmente cara à família Amorim Sampão.

Numa palavra: a Póvoa, pelo dedo oficial, deve orientar e acompanhar de perto, as obras que por vezes se requerem para edifícios, que, embora particulares, constituem um todo uno da sua paisagem, da sua riqueza arquitectoral. Não sei se me entendem...

acolá...

na página cultural de «O Comércio do Porto», o sr. Dr. Flávio Gonçalves focou de modo brilhante e incisivo o próximo centénario do nascimento de António Augusto da ROCHA PEIXOTO.

A Póvoa, anos atrás, prestou homenagem a este seu dilecto e ilustrado filho, dedicando-lhe uma artéria na sede concelhia.

A efeméride — firmada para 18 de Maio de 1966 — deverá merecer à Póvoa culta a projecção que de direito lhe cabe.

Rocha Peixoto foi Alto Valor nos domínios da História, da Etnografia e da Arqueologia. Embalado pelo mar poveiro, ensemado por etnos que desde menino se habituou a tactear e o soube encantar, raros se lhe comparam na agudeza dos seus estudos, nas conclusões de verdadeira sabedoria. Partilhou de certo de um movimento cultural fecundíssimo. (rotulado de pseudo-«Vencido da Vida», toda a gama dos seus ensaios revelam um esta, um homem de saber profundo, um investigador que acode a lugares mas seguro de si como quem sabe para onde vai e o que deseja.

A Póvoa deve-lhe páginas formosas em várias publicações; na «Portugália», sobretudo, vemos enriquecida a sua Arqueologia castreja. Deixei cair num retalho de papel um pontilhado de assuntos que se prendem com os amores de Rocha Peixoto: vida dos castros, olaria, azulejos, iluminação popular, tabulae votivae, cataventos, vilas do Norte, etc.

O sr. Dr. Flávio Gonçalves fez bem em acordar a efeméride. Há tempo de sobra para se elaborar um programa à altura de um egrijo poveiro. Minguados de valores culturais e morais, sejam, os que se foram, motivo de orgulho e de estímulo para as novas gerações... que parecem ter perdido o rumo humanístico e das verdades eternas.

M. VIEIRA DINIS

som de revolta

Rebentam trovões no espaço furioso
Faiscas redobram a fúria dos medos
E o vento bate nos arvoredos

O mar agita-se num grito de dor
As ondas erguem-se num som de revolta
Pescadores naufragam. Nenhum volta

E o vento sopra forte
Na boca dum gigante destemido
E arranca folhas na correria gritante da morte

Leva ramos no seu impeto agigantado
aterrando o sentido da sorte
com um som penetrante prolongado

Um som vibrante que dura horas e horas
fazendo tremer cortinas
amedrontando retinas

E o agudo som vai continuando
aterrando o homem da sina
arrancando ramos de vez em quando

No mar traineiras temem as chuvas
aves fogem dos ninhos destruídos
e os homens morrem como nos tempos idos

Morrem no mar
na terra
e no ar

Morrem nos campos de batalha
Morrem nos cumes das montanhas
Morrem também quando calha.

Inglaterra, 1964

ARMANDO RODRIGUES FIGUEIREDO

CAMILO

Continuada da página 1

e também de ternura, amor e compreensão.

A natureza da terra e do homem, impõem-se na sua rusticidade e resistência aos choques, aos traumatismos e angústias. O poder paternal (o pátrio poder) domina todas as cenas, o sente-se no aposento ao lado. Acaba-se de sair de uma luta fratricida, após séculos de crescimento, de guerras exteriores e de revoluções. Há uma pausa.

Quando o seu vulto começa a manejar a pena, já a sua retina está cheia de episódios, de tragé-

dias, de comédias, de contrastes e cenários. Já a sua meninice, a sua adolescência está formada com o palpitar das cidades e aldeias, informada com interesses e abnegações, vilanias e estoicismo: Lisboa e Samardá; O Mar e o Bom Jesus do Monte. O livro da vida e os de Ribeira de Pena, Vila Real e Porto.

Nasce, pois, para a vida pública, o espírito essencialmente polémico deste portentoso escritor. E é pelo jornalismo que começa. Tudo está errado deante dele, menos as forças iminentes da bondade natural.

Ele sabe que não é Messias, mas tem um cacete. Ainda bem que o cacete se recolhe até à dimensão da pluma.

Realmente, na sua obra, quase tudo se resolve ao canto do olho, em lágrimas. A pluma faz cócegas nos sacos lacrimais e põe marmellos secos na garganta.

Este grande desgraçado que quis ser e foi Visconde de Correia Botelho, correu toda a gama popular de fomes e infortúnios, o corrilho plebeu da penúria e da má cabeça, embora cheia de génio, procriando filhos ainda mais infelizes do que ele.

Não obstante, a sua fogosidade criadora redime-o de todos os erros cometidos na sociedade e na política, por isso mesmo que o seu legado é impercível, transmissível através dos séculos, cheio das benditas lágrimas que fez e fará verter, até quando um coração português pulsar ante as suas obras.

Veio ele na época própria, auxiliar a evolução vivificador desta pais, da sua terra, donde nunca quis sair, apesar dos projectos feitos, desenhando Paris e o Brasil e preferindo Vairão e o Candal. Veio ele fazer chorar e trazer a emoção compreensiva e caridosa, aos corações endurecidos, saídos da guerra civil, que se liquidou na sua meninice, depostas as armas pela Convenção de Évora-Monte, mas erguida ainda nos espíritos até à redução total (?) pelo tempo e por obra e graça do progresso e da verdadeira civilização: Compreensão, tolerância, perdão.

BRANDO

MARIA CESARINY CALAFATE

O VIII volume da Enciclopédia Verbo Juvenil

Mês a mês, sobem as paredes do grande edifício que virá a ser a Enciclopédia Verbo Juvenil — edifício em que poderão abrigar-se, com regalo e proveito, todos os jovens portugueses.

Com o lançamento, que acabam de fazer, do VIII volume, os operários empenhados nesta obra vêm confirmar o esmero, a honestidade, a inteligência, o conhecimento que desde o início nela empregaram. Mas, naturalmente, as perspectivas

são agora mais amplas, os motivos apresentam-se agora mais complexos, a estrutura parece agora mais sólida.

Peguemos neste VIII volume: subamos ao 3.º andar do grande edifício. Atravessemos os longos corredores, penetremos nas belas salas, debruçemo-nos sobre as largas janelas rasgadas para a natureza, para a ciência, para a arte — para o mundo e para a vida. Daqui

Continua na página 2

FESTAS DE S. PEDRO

Ornamentações e decorações

Sem pretendermos tomar partido por este ou por aquele bairro, devemos dizer que admiramos muito as decorações e iluminações do bairro norte, todas de motivos bem poveiros que se estendiam por toda a rua do dr. Caetano, até ao limite do Grande Hotel.

As do bairro sul — rua 31 de Janeiro — encontravam-se, também com motivos poveiros, com redes entrelaçadas de um ao outro extremo, como no ano anterior. Mas desta vez pecou por excesso de festa de papel de cores variadas, e pela deficiente iluminação.

De salientar a decoração do bairro da Matriz, com arcos bem iluminados, de belo efeito. Como em anos anteriores, o fontenário do Largo Eça de Queirós, encontrava-se originalmente ornamentado.

Desfile das Rusgas

Um dos números das Festas de S. Pedro, mais do agrado do povo, foi, sem dúvida, o desfile das Rusgas dos três Bairros.

E a prová-lo está o facto do interesse demonstrado quando elas se exibiam ou percorriam as ruas da Póvoa, sempre presenciadas por elevadíssimo número de pessoas.

Os rapazes e raparigas que compunham as rusgas, impregnados do seu brío e amor bairristas, davam todo o seu calor e animação, mostrando-se garbosos na missão que lhes competia.

De lamentar, apenas, que certos populares — entusiasmados com o seu inflamado bairrista — se esquecessem que os seus lugares eram só o de espectadores e não o de se integrarem nas rusgas, dificultando a missão dos componentes.

Classificação dos arcos de exaltação a S. Pedro

Na tarde de domingo, as gentes das nossas freguesias com as suas representações e os seus arcos de exaltação a S. Pedro passaram nas ruas da Póvoa numa demonstração de simpatia, indo colocar-se depois junto ao espelho de água no Passeio Alegre, onde ficaram em exposição os arcos das seguintes freguesias: Argival, Averomar, Balazar, Beiriz, Estela, Loudons, Navais, Rates e Terroso. A noite — num festival folclórico em que colaboraram os Ranchos de S. Torcato, (Guimarães), Caxinas e Poça da Barca, e Poveiro — e depois de feita a votação, constatou-se que o arco que obteve maior número de votos foi o da freguesia de Beiriz.

No final foram distribuídas taças a todas as freguesias.

Procissão dos Santos Populares

Na terça-feira, ultimo dia das festas, teve lugar a procissão dos santos populares: com as imagens de Santo António, conduzida por António; S. João, por militares da unidade do 1.º Grupo, e S. Pedro, por pescadores com os seus trajes característicos. Neste préstito religioso incorporaram-se muitas individualidades e as autoridades civis e militares.

A pedido da direcção do Grémio do Comércio, os estabelecimentos encerraram as suas portas da parte de tarde.

Automóvel de Aluguer

Autocarros de luxo para excursões no país e no estrangeiro

Garagem Thomazo

Telef. 62051

Póvoa de Varzim

GRACINDA GONÇALVES

ENFERMEIRA — PAREIRA — PUERICULTORA

DIPLOMADA

Rua 31 de Janeiro, 6-1.º — Telefone, 62442

POVOA DE VARZIM

MOVEIS CASTELO MOVEIS EM TODOS OS ESTILOS

DE AUGUSTO DIAS S. CASTELO

exposição permanente

RUA DA FONTE — POVOA DE VARZIM

FILIAL EM SANTO TIRSO — FABRICA EM PAÇOS DE FERREIRA